

FOLHAS AO VENTO

envio de natal em 2011

*alguns poemas
de
CANTARES DE ISE
de
Ise Monogatari*

*Traduzidos livremente do espanhol
a partir de uma tradução do japonês
realizada por Antônio Cabezas Garcia*

Os CANTARES DE ISE (que muito bem podem conservar em Português o título que receberam em Espanhol) são apresentadas por seu tradutor como a “obra cumbre” de toda a antiga literatura japonesa.

*A métrica dos poemas aqui re-escritos, observa a tradicional forma da **tanka** japonesa: “cinco versos livres de 5-7-5-7-7 sílabas respectivamente”. Por razões de diferenças lingüísticas, o tradutor modifica a métrica e procura obedecer a uma rima assonante do segundo com o quinto verso. Pelas mesmas razões e mais pela liberdade – sempre anunciada – com que gosto de trabalhar poemas que traduzo, produzindo mais uma transliteração do que uma tradução, deixei livres as minhas métricas e em alguns poemas procuro preservar alguma rima livre.*

Os CANTARES DE ISE não constituem um livro apenas de poemas. Eles intercalam obrigatoriamente poemas entre episódios que o tradutor considera como “históricos ou verídicos” em sua maior parte. Quase todos os episódios breves, são encontros ou desencontros amorosos. Assim, grande parte dos poemas que neles aparecem, são mensagens de amor entre um homem e uma mulher. Alguns são trocas de amizade entre dois homens. Outros são meditações sobre a natureza ou o destino humano.

O personagem principal da obra e aquele que supostamente escreve a maior parte dos episódios terá sido Narijira, apresentado em documentos de época como um General dos Estados Imperiais.

O nome Narijira significa “herói pacífico”. Seu personagem nos CANTARES morreu aos cinquenta e seis anos, em 880, depois de muitas batalhas e de mais amores ainda.

Para maiores informes - e eles são muitos - sobre a sociedade japonesa, o herói dos CANTARES e a própria obra, remeto quem porventura queira se aprofunda, à longa introdução e ao epílogo do tradutor ao Espanhol.

Os dados do livro de onde trouxe para cá cinquenta poemas, estão ao final desta edição de FOLHAS AO VENTO.

Carlos Rodrigues Brandão

Vão entre Campinas e João Pessoa

João Pessoa/Bananeiras

28 a 31 de novembro de 2011

os cinquenta cantares escolhidos

(o número abaixo de cada um indica a página do livro em Espanhol)

*Noite sem dormir
e sem nos levantar
e ao clarear
eu só faço por ver
o chover de maio.*

*Se tu me queres
vem deitar sob o teto
de uma pobre choupana.
Os panos da roupa
nos servirão de cama.*

38

*Não era essa a Lua?
E a Primavera
não é a de sempre?
Como é que eu, só
sou o mesmo que era?*

39

*Eu me amarro em lugares
que vejo quando passo
e na minha paixão
eu invejo a onda
que retorna ao passado.*

43

*Já que tu és gaivota
lá da Capital
eu então te pergunto:
aquela que eu amo
está bem, ou está mal?*

47

Nota: para que vocês tenham uma breve idéia da qualidade de sentimento que se deveria viver naqueles tempos e naquela cultura, este poema foi escrito quando nosso herói-amante está longe de uma mulher amada e sente uma grande falta dela. Ele escreve o breve poema e o lê a seus dois amigos. E o texto diz a seguir: “e seus companheiros romperam num pranto”.

*Não se esqueçam de mim
que tão longe padeço.
Como as nuvens
e como a Lua alta
assim eu voltarei a vê-los.*

49 (dirigida a dois amigos)

*Então, por Mosashi
e com estribos de prata?
Pois eu, tão tua
se não me escreves, penas.
Se me escreves, saudades.
50 (uma mulher da Capital)*

*Saudades se te escrevo
e se não escrevo, penas.
Pois eu, em Musashi
Com estribos de prata
Por ti morro, apenas.*

50 (o poema é uma resposta de Narijira, com estes dizeres do texto original: “nosso homem não pode agüentar-se e escreveu”).

*Mais, mais do que morrer
de amor eu desejo.
- breve e feliz –
é o destino lento
do bicho da seda.*

51 (De uma aldeã apaixonada)

*Contei entre os dedos
os anos em que a ela
devotei meu amor.
Como os dedos são dez
eu contei quatro vezes.*

53 (quem escreve este poema é Aritsune. Ele o escreve à sua esposa, que já idosa resolveu tornar-se monja)

*Veio já o outono?
Pois a mim pareceu
Que era só o sereno.
E aquele sereno
são as lágrimas que peno.*

54

*Tu te fostes de mim
tão longe te tens.
Como as nuvens do céu
as lembranças tuas
aos meus olhos vêm.*

57

*Não merece o mundo
o sofrer do amar.
Meses e anos
vivi de promessas,
de sofrer de esperar.*

58

*Me recordará?
Eu sim, a recordo.
Vejo ante mim
como um diadema
o seu rosto, o seu corpo.*

59

*Já que nos quisemos
sigamos nos amando.
As águas de um rio
se afastam em uma ilha
e adiante se encontram.*

60

*As noites de encontro
que eu vaguei vagando
quando não viestes.
Já nada mais espero
e sigo esperando*

64

*Há mais águas em meu lenço
do que águas no porto
onde lança a âncora
fugindo do ciclone
um barco de longe*

67

*Eu jamais me canso
de contemplar as flores
das cerejeiras.
E eu nunca as revi
como nesta noite.*

68

*Dizer... eu não posso.
Não dizer, me queima
por dentro da alma.
Sofrer só e tanto
me acende e me acalma.*

*Quando a cor violeta
se faz mais intensa
todo o inteiro campo
de violetas parece
se cobrir... lentamente*

*Pequena avezinha
são muitas as aldeias
por onde tu cantas.
Quisera esquecer-te
mas só em ti eu penso.*

*Só agora eu sei
que esperar amarga
e que devia haver ido
sem pressa, sem falta
lá onde ela estava.*

*Às vezes o sereno
quando se evapora
deixa ainda uma gota.
Eu, nem isso espero
de você, agora.*

83

*Resistirá ao vento
a flor da cerejeira
por um outro ano ainda?
Nisto eu ainda creio
mas em ti, de que maneira?*

83

*Buscando-te em sonhos
nem em sonhos te vejo.
E quando eu desperto
empapa a minha veste
o sereno do céu.*

85

*Também nesta noite
eu deverei dormir
sobre a minha esteira.
Vestida de quimono
e sozinha... inteira.*

85

*Quisera ser o vento
e ir à sua janela
e por entre as frestas
entrar no seu quarto
e beijar o corpo dela.*

93

*Viestes tu a mim
ou fui eu que a ti fui?
Eu já não sei.
Sonho? Realidade?
Dormida? Acordada?*

100

*Se tu sentes o desejo
anda e vêm me ver.
E que nem mesmo um deus
escreva em sua lei
que não me podes querer.*

102

*Se todos os montes
hoje chegam mais perto
é que cada um espera
poder despedir-se
da Primavera.*

105

*A flor da cerejeira
vale o que ela vale
por voar-se ao vento.
O que há neste mundo
Que dure para sempre?*

110

*Serão as estrelas
o que a noite clareia?
Serão pirilampos
ou são os pescadores
acendendo fogueiras?*

117

*Deixemos de amá-la
sem nenhum remorso.
A Lua que nasce
nascendo e se pondo
nos faz mais velhos.*

119

*A flor de cerejeira
resplandecerá
hoje, tão viva.
Amanhã de noite
ah! quem saberá?*

121

*As flores que eu corto
para o meu senhor
a quem sirvo com amor
desafiam o tempo
e estão sempre em flor.*

124

*A noite, ao seu lado
me parece um sonho.
E essa mesma noite
mais sonho parece
quando caio no sono.*

127

*Se o sereno seca
por mim, que ele seque.
Ainda que não seque
não farei com ele
um colar de pérolas*

128

*Tal como com a flor
acontece com a gente.
E você saberia
qual antes da outra
que flor cairia?*

131

*No charco em que choram
as rãs, a noite inteira,
mesmo quando não chove
se derrama a água
escura da ribeira.*

130

*Antes que uma flor
fenece uma pessoa.
Saberás tu
qual irá embora
antes que a outra?*

131

*Só agora eu sei
de uma coisa não dita
nos contos que se contam:
que eu me acabo de amor
por uma mulher nunca vista.*

131

*Se queres, não te digo
que eu a ti tanto quero.
Mas se acaso um dia
ficares nua, tua e só
pensa em mim, que te espero.*

132

*Faz um tempo eterno
que não voltei a vê-los,
os pinheiros da princesa
da praia Sumioshi.
Quantos ainda vivem? Verdes.*

134

*Querer-te é desejar
levar-te pela mão
entre as claras águas
do rio de Ide
quando passa em Iamashio.*

137

*Não quero o guarda-chuva
que tecem com flores
os beija-flores.
Que o teu amor me seque
e então voltarei, quando te fores.*

137

*O que eu trago dentro
que nunca saia fora.
Que fique ali sempre
pois não encontro no mundo
quem me entenda agora.*

139

*Eu sabia que existe
um caminho derradeiro.
Apenas eu esqueci
que ele está dentro mim
todo, inteiro.*

140

*Bela pescadora
Do mar e amargada.
Já que eu te vejo
quero que me dês
do sal que te amarga.*

CANTARES DE ISE
Ise Monogatari
Tradução, apresentação e epílogo de
Antônio Cabezas García
Ediciones Hiperión
2ª edição de 1988 - Madrid